

A BATALHA

Suplemento semanal — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERARIA PORTUGUESA

Editor: Alberto Dias

Administrador: Domingos Afonso Ribeiro

Propriedade da COMISSÃO INTER-FEDERAL

Sede provisória:

Calçada Castelo Branco Saraiva, 42

Oficinas: Rua da Atalaia, 114

Toda a correspondência para o APARTADO

N.º 329 — Lisboa

Número avulso \$30

(AVENÇADO)

A ponta do veu

No número passado nós fizemos umas leves referências ao trabalho, verdadeiramente insólito, dum comissão que dá pelo nome de *inter-sindical*, por esta se atravessar na obra de reconstrução orgânica da C. S. T. e por convidar os sindicatos a enviar-lhe a cópia das respostas que estes houvessem por bem enviar àquela.

Mas o que é a C. I. S.? A que fim obedece? Quais são os seus objectivos?

São perguntas estas que todos os militantes fazem a si próprios, sem que para as mesmas encontrem lógica, necessária e plausível explicação.

Nota-se apenas da parte dessa tal comissão um trabalho capcioso, confusionalista, ardiloso no seio da organização dos trabalhadores.

A história dessa comissão diz tudo, na singeleza da sua gestação.

Como nasceu essa comissão?

Em certo momento a C. S. T. de Lisboa, por razões que não veem para o caso, não funcionava normalmente. Mas sentindo que não cessavam os motivos de geral interesse do proletariado local, acordou com os sindicatos que a constituem na conveniência de qualquer deles realizar convocações das direcções para sessões magnas, sempre que surgisse assunto que tal originasse.

E surgiu a questão do horário de trabalho. De acordo, pois, com as indicações da C. S. T., a Associação dos Empregados do Comércio e Indústria convocou as direcções dos sindicatos de Lisboa, para estas em comum deliberarem sobre o caminho a seguir. Nesta reunião discutiu-se, surgiu documento, etc., mas... chegada a hora regulamentar, nada se concluiu.

Mas, se nada se concluiu de prático, no sentido de ser tomada uma resolução definitiva sobre o assunto em debate, natural seria que outra ou mais reuniões se efectuassem e que estas fossem convocadas pelo organismo promotor.

Mas, não—e surgiu o ardil. Os delegados do Sindicato do Arsenal da Marinha acharam asado o momento de pôrem em prática as «novas tácticas», que estavam dentro das palavras de ordem, provindas—já toda a gente sabe de onde...—e, saltando por cima de todos os deveres de cortesia, lealdade e consideração para com o primeiro organismo convocante, convocam eles nova reunião e é nesta que fazem votar a celeberrima Comissão Inter-Sindical.

Esta comissão é, pois, filha do ardil. Sendo filha dum ardil, como ardil continua subsistindo.

Nós queremos dar de barato que essa comissão se organizasse para o

fim que determinou a convocação dos sindicatos de Lisboa—o problema do horário de trabalho. Esta comissão, porém, não podia senão ter um carácter transitório. Ela funcionaria, enquanto não pudesse funcionar a Câmara Sindical do Trabalho, visto que é o único organismo votado e reconhecido nos congressos e é ainda o único que pode representar o proletariado organizado de Lisboa em todas as suas questões de ordem geral para a localidade. Uma vez, pois, que a C. S. T. funcionava a Comissão Inter-Sindical terminava a sua função.

Porque não terminou? Não terminou, porque não era esse o intuito dos seus gestores. Há muito que se vem premeditando um assalto à organização sindical portuguesa. Vários têm sido os processos e aquele foi mais um.

A comissão em referência destinava-se, inicialmente, a actuar só em Lisboa, sobrepondo-se, mesmo assim ao respectivo organismo local. Mas era pouco. O seu objectivo era mais vasto. Os seus organizadores, cumprindo fielmente ordens recebidas, têm tentado levar os seus tentáculos à província, como sucedeu em Vila Real de Santo António, onde apareceu a manobrar um simples estudante. Delegados seus têm ido a reuniões da província apregoar os seus elixires e levar o veneno da discordia. Pensaram, primeiro, em criar uma nova Central de que a tal comissão seria a célula inicial. Depois alteraram a «nova tática». Pensaram em que bastaria uma certa tenacidade no trabalho de sapa para fazer virar tudo dos pés para a cabeça. Quem os não conheça, e desconheça também a proveniência dos seus manejos, é possível que os leve a sério. Nós, não.

O facto de um ou outro sindicato manifestar tal ou qual simpatia por qualquer dos três ou quatro homens que manobram nessa comissão, não pode servir de bússola para nos orientar. São também «simpatias» transitorias, que cessariam no dia em que esses indivíduos tivessem ocasião de dar corpo a uma acção que não fosse composta só de palavras e que estas não envolvessem outros tantos ardil.

E conste que falamos assim, que não damos os nomes aos santos, tornando mais claros os nossos dizeres, porque o momento não é propício e nós não queremos ser classificados como não somos.

Mas devíamos, pelo menos, levantar a ponta do veu, porque pretendemos que não se estranhe de futuro a nossa atitude, ou mesmo a atitude dos organismos centrais do proletariado português, de que somos porta-voz, quando aqueles se recusarem a colaborar com agrupações ardilosas,

ANTES E DEPOIS

Como êles são todos...

A páginas 74 da tradução portuguesa do livro de John Reed, «Dez dias que abalaram o mundo», livro recomendado por Lépine aos trabalhadores de todos os países, lê-se a seguinte explicação dada por Karakan, membro do Comité Central bolxevista, sobre a forma do novo governo:

«Uma organização flexível (todo o sublinhado é nosso), obedecendo à vontade popular, tal como a expressem os Sovientes, e deixando pulso livre às forças locais. Actualmente o governo provisório dificulta a ação das vontades democráticas locais, absolutamente da mesma forma que o regime tsarista. A iniciativa da nova sociedade virá de baixo. A forma do governo modelar-se-há pela constituição do partido social-democrata russo. O novo Tsik responsável perante as freqüentes assembleias dos Congressos Pan-russos dos Sovientes, será o parlamento; à frente dos ministérios, em vez de ministros, haverá comités directamente responsáveis perante os Sovientes».

* * *

Isto era dito nos dias que antecederam a revolução de Outubro de 1917, mas depois de se apanharem senhores do poder, os bolxevistas, como toda a gente sabe, em vez dum organismo flexível, criaram um sistema de ferrea opressão, impondo a sua vontade à das massas populares, abafando as iniciativas vindas de baixo, e centralizando todo o poder nas suas mãos, estrangulando assim as ações locais, «absolutamente da mesma forma que o regime tsarista». Não puzeram à frente dos ministérios conforme tinham prometido, «comités directamente responsáveis perante os Sovientes», mas sim ministros, rotulados com o nome de comissários do povo, e com poderes mais discretionários ainda do que os que aqueles tinham, e a cuja cabeça subiu de tal forma a paixão cesarista, que esqueceram a acção revolucionária das massas operárias, camponeses e dos soldados, e passaram a intitular-se os «homens que fizeram a revolução russa», como se esta pudesse ser obra de meia dúzia de despotas por mais inteligentes, energéticos e activos que estes fossem.

Estranguladores, e não autores é que êles foram, como se vê pelas declarações de Karakan, depois cincicamente renegadas e esquecidas.

Mas, quando chamamos a atenção das massas trabalhadoras para estas traições revoltantes, ainda há quem nos chame contra-revolucionários e agentes do capitalismo! E o que serão então os que procuram esconder estes factos do proletariado, para que ele continue a deixar-se ludibriar por todos os aventureiros ansiosos do poder?

Este número foi visado
pela Comissão de Censura.

cuja razão de existencia não é nenhuma e que há muito deveriam ter cessado.

Os organismos existentes tem a força moral dos seus congressos e reunem todas as condições indispensáveis para toda a obra que ao proletariado pode interessar. E esses organismos ainda não encerraram as portas a quem quer que seja.

E fiquemo-nos por aqui...

CRÓNICA

Música e Casacas

O sr. Rui Coelho—tambor-mor e, ao mesmo tempo, chefe agalardo do movimento «pró ópera portuguesa cantada por portugueses e para o povo português»—a propósito de uma crítica que fez ao primeiro concerto realizado por Tito Schipa, lastimava-se de «que o teatro S. Carlos não estivesse aberto para receber condignamente este cantor; para o receber como desejaria a élite» e o merecia tão ilustre artista: em grande «toilette»—aquela que foi sempre uso em grandes noites».

Confessamos que, quando começámos a ler este bocadinho no jornal onde a critica foi feita, supúnhamos que o seu autor ia fomentar os concertos não poderem ser dados numa casa grande, onde a população que ganha precariamente pudesse assistir sem grande sacrifício da sua bolsa. Mas vimos logo que nos tinhamos enganado—tratava-se de uma questão de casacas. E por isto nós vemos também, graças a tão aristocrático lamento, que o tal rufar constante para que se lhes entregue o teatro já citado e nêle se executem peças musicais que eduquem o povo—que diga-se de passagem, tão abandonado é de tudo quanto se refere a cultura e educação—o tal rufar dizíamos, é pura balela se não é autentica poesia.

Então a arte tem uma influência poderosíssima na educação do povo, e o sr. Rui Coelho quer que os artistas sejam recebidos de casaca? Acaso julga que o povo usa casaca? Ou não considera povo... tal como aqueles trabalhadores que, na construção dos prédios, levam às costas os matadões lá para o quarto ou quinto andar? Pois são-no. E tão indispensáveis cá na terra como o maestro Rui Coelho. Se não fossem êles e os seus outros camaradas, onde representaria este maestro as suas óperas? Bem vistas as coisas chegam a ser colaboradores. Mas esteja descansado, maestro, que lhe não vão pedir os direitos de co-autores. Infelizmente contentam-se com pouco. Quaisquer doze escudos, atirados ao sábado como quem atira com uma bucha dura a um cão já velho e inútil, os satisfazem. E, como bem se vê, doze escudos não dão para comprar casaca, quanto mais para comprar casaca.

Um povo que se educa musicalmente com os fados da amargura, da miséria, da desgraça, tem dito o sr. Rui Coelho, é um povo que se degrada. Mas que quer, se é o que lhe dão por mais baixo preço? Basta entrar numa taberna e beber dois. Sim nós também estamos de acordo. Esses fados apenas geram indivíduos amargurados, miseráveis, desgraçados, e por isso também desejamos a arte sem mácula, uma arte humana e verdadeira para o povo, o autêntico, o que trabalha, mas sem a necessidade de vestir uma casaca para ouvir uma partitura de Wagner ou de Rui Coelho. Mas que essa arte seja o mais barata possível, já que por enquanto não pode ser de graça.

Nós bem sabemos, por muitíssimos exemplos, que algumas pessoas-tantas! — se servem da palavra povo, apenas para arredondar alguma frase, ou então para reforçar a sua argumentação. Desde que se disse que o povo é a criança eterna... Mas esta criança já hoje tem caprichos. Já pede casacas que noutras tempos nem se atreveria a pronunciar-lhes os nomes. Quere arte, quere cultura... E a isso tem incontestável direito. Mas sem a obrigação de vestir casaca, porque não a tem e os alfaiates não fiam. Quere arte, quere cultura, mas sem favor, que é como é que faz aos artistas e aos sábios—dá-lhes, sem favor o pão que amassa com o suor do seu rosto, e as outras

(Continua na 3.ª página)

UMA IDEIA EM MARCHA

Universidade Operária

No número 10 deste nosso jornal, M. O., que alvitrou a ideia da Universidade Operária, explica, em vistas dum artigo meu anterior, em que consiste a Universidade Operária, que se destaca, diz, de Federação de Escolas, que alvitrei.

Cumpre-me dizer mais alguma coisa sobre o assunto, para que a importuna ideia de imaginaria discordância não se intrometa no espírito dos leitores, obscurecendo a questão.

A Universidade Operária constitui uma grandiosa ideia que a actual geração operária deve realizar, a par das outras missões que lhe estão indicadas, para bem merecer no conceito das gerações futuras, as quais serão mais ou menos perfeitas conforme fôr a nossa obra actual. A minha divergência para com M. O. reside apenas, no título da grande obra. M. O. chama Universidade Popular à secção de ensino especial e superior, para os operários já instruídos eminentemente. E esta Universidade Operária fazia parte da Federação de Ensino operário-popular, como seu lógico coroamento.

Eu, por meu lado, aplaudindo o alvitro de M. O., apoderei-me ilicitamente do título especial duma secção, para com él denominar a grande Federação do Ensino.

Filo, porém, porque caprichei em tomar à letra a palavra Universidade, que para mim não é só o conjunto de estudos superiores e finais, mas a conjugação de todos os estudos, de muitos estudos, tendendo a um objectivo comum. Nas universidades burguesas este objectivo comum é o de formar doutorados, a élite da nação. No nosso caso será o de formar capacidades orientadoras, revolucionárias no verdadeiro sentido, isto é, realizadoras dos problemas que o futuro vai apresentando, para a emancipação da classe operária. Mas como não desejaremos formar élites privilegiadas é preciso canalizar todo o ensino para o mesmo objectivo comum, resolvendo a questão da possibilidade para todos os operários. E só se conseguirá fazer uma Universidade Operária profíqua dentro duma Federação do Ensino, baseada dentro do mesmo pensamento de Universidade Operária. Eis a razão porque denominei tudo com este nome. Além disto, entendo que para a Federação de Ensino, não basta a simples e taxativa ligação de todas as escolas e cursos que existem; mas fazer essa Federação, sujeitando-se os federados a uma remodelação completa que os integra no objectivo grandioso que terá por cúpula a Universidade Operária.

Assim, não é só a Universidade Operária que não existe; são igualmente os benefícios, que as inumeráveis escolas existentes dariam uma Federação, que não existem.

A ebra, quanto a mim, é uma só, embora por algum lado se tenha de começar. E porque não começar simultaneamente uma e outra:—Universidade e Federação? A Federação iria crescendo, arranjando futuros frequentadores da U. O. e esta iria desde já formando os futuros impulsionadores da Federação. São dois problemas, embora, mas que, exactamente por isso não se podem emaranhar na execução. Escravo estas palavras levado pelo meu entusiasmo, levado pelo desejo de não ser um ouvidos de mercador como há muitos, por cuja mal-dita surdez muitos alvitres morrem.

Estou já admirado do silêncio em que mergulha o alvitro de M. O! O que pensam os organismos operários? O que pensam os centros educativos? E os militantes? E os camaradas que têm vindo dando o seu nobre esforço em obras de instrução, como a Universidade Popular Portuguesa, Livre, Escola Oficina, etc?

F. O.

Posições opostas

A burguesia capitalista ataca o governo bolxevista, embora com él faça tratados (Itália, Alemanha, etc.), porque supõe, ou convém fingi-lo, que aquele governo tentou, ou ainda pretende, realizar o programa de revolução de Outubro de 1917—resumido nas seguintes palavras: «Pão, terra e liberdade». Os libertários atacam o governo bolxevista, porque tem provas, colhidas na própria imprensa governamental russa, de que él traíu criminosamente o programa daquela revolução!

São pois duas posições perfeitamente antagonicas, que só velhacos e malvados podem conscientemente conjundir.

DEFESA DAS IDEIAS

O Ideal Anarquista e o Marxismo

Culpas que a nós não cabem, se bem que no-las atribuam

«Que os anarquistas são uns lunáticos, uns visionários, uns ineptos; que levam uma vida inteira a palpar, sem que apareçam quaisquer factos palpáveis que derrotem a sua actividade revolucionária, que, conscientes da sua ineficácia, dos seus métodos, queriam, todavia, os práticos, os que pretendem transformar o mundo *a la minute*: — tais são, em síntese, outros tantos argumentos irrejutáveis, empregados pelos bolxevistas, ao pretenderem inutilizar os anarquistas e a sua actividade na organização operária.

Dando de barato que assim suceda, o que eles não podem — nem a tal se atrevem — é negar a excelência das doutrinas anarquistas e contestar a pureza e harmonia que os seus objectivos encerram. Por isso alguns, e, não poucos — os mais descarados, bem entendido — têm, por vezes, a desfaçatez de nos afirmarem que estão plenamente de acordo com a existência duma sociedade libertária, mas que não encontram possibilidades de a atingir sem que antes a tome como pente de passagem: — a ditadura do proletariado.

Supunhamos, também, que tal sociedade é impraticável, sem que previamente nos sujeitemos à respectiva transição marxista e vejamos, por exemplo, o que sucederia em Portugal, quando após o triunfo da Grande Revolução, estivessemos recebendo as carícias do chamado Estado Proletário.

Muito naturalmente, após a sua instalação no Kremlin Português — o Terreiro do Paço, por exemplo — surgiria a necessidade inadiável de se organizar uma teia burocrática — mais ou menos complicada e imprescindível, em qualquer estado — que, sentindo elevar-se gradualmente acima da multidão anónima, procuraria por todos os meios ao seu alcance contribuir para a estabilização do mesmo estado, seu patrão e protector.

Por outro lado, surgiria também o camaraçada general que, com o respectivo séquito de camaradas oficiais — estaria sempre pronto para, nos momentos críticos, apoiar e defender à outrance, a existência do camarada Presidente da República dos camaradas ministros, digo, comissários do Povo, que, por sua vez, não consentiriam em desaparecer voluntariamente dos altos cargos de que se achavam investidos, e que, com tanto sacrifício, haviam sido conquistados... pelos outros.

Resultaria, pois, que o Povo, o eterno bode expiatório, a massa ignara, sacrificada e vilipendiada, continuaria a ser objecto da mais tirânica opressão, para que todos estes camaradas se pudesse manter nas suas elevadas posições. Se porventura ousasse elevar a sua voz contra um tal estado de coisas, seria irremissivelmente metralhada pelos chamados exércitos proletários.

Claro está que os anarquistas, coerentes, fiéis à sua maneira de pensar, continuavam sem cessar a fazer a máxima propaganda das suas ideias e cada vez esclareciam mais a mentalidade do povo para que este, em tempos talvez não muito distantes, pudesse viver sem a existência perniciosa do Estado vermelhusco.

Os novos ditadores não se preocuparam grandemente com a propaganda *subversiva*, porque, firmes no seu critério, continuavam a considerar os anarquistas uns lunáticos ou visionários infensivos e, por conseguinte, descriam em absoluto da viabilidade das suas ideias. Mas eis que surge numa das províncias — o Minho, por exemplo — a primeira tentativa para estabelecer a sociedade em bases comunistas puramente libertárias. O Povo, o grilheta triste e aparentemente infensivo, conseguira, afim, num arranço desesperado, romper as fortes cadeias que o acorrentavam, e arremessar para bem longe os sabujos estaduais que, ganindo doridamente se foram acolher às pernas protectoras do *paisinho* governo, sempre disposto a acarinhar quem o servia *desinteressadamente*.

Mas, não cessa a actividade do povo revolucionário. Os tal lunáticos e infensivos anarquistas, após terem fortalecido as bases da nova sociedade libertária, aprestam-se para a defesa desta e quando em dado momento os exércitos contra-revolucionários acumulados na Galiza pela trente única da Burguesia, se preparam para dar o golpe mortal nas instituições bolxevistas, eis que lhes surgem pela frente os *tais* anarquistas que, apesar de preconizarem — no dizer dos seus adversários negros ou vermelhos — a desorganização, o caos, a desordem, conseguem mantê-los em respeito, pelo menos até à chegada do exército soviético.

Dá-se o embate, prolonga-se a luta e o golbinete proletário que dispõe do país, ainda mal refeito da surpresa que lhe causava a tentativa libertária, resolve por fim enviar

as suas tropas vermelhas ao encontro dos exércitos contra-revolucionários. Mas — passai, oh gentes! — qual não é o espanto dos heroicos camponezes revolucionários — em luta contra o formidável exército burguês — quando se sentem espingardeados pelas costas por aqueles que lhes deviam o maior e mais incondicional apoio.

Como facilmente se supõe, estes autênticos heróis, estes verdadeiros proletários, cujo único crime consistia em não consentirem que meia duzia de sclerados lhes arrancassem a pele, ao verem-se entre dois fogos tiveram que fugir não sem que primeiro deixassem o solo juncado de cadáveres dos que iam generosa e desinteressadamente se haviam batido pela verdadeira liberdade.

Que grande triunfo, que incomensurável vitória, esta que alcançaram os heroicos exércitos bolxevistas.

Mas era preciso encontrar novas vítimas não só porque é insaciável a sede de sangue dos ditadores soviéticos, mas também porque podia ser *bem dura* a lição do Minho. E' preciso, pois, evitar uma *réprise*, porque pode a mesma pôr em perigo a digressão dos detentores do estado *comunista*. Por esse motivo, a G. P. U.—corpo de esbirros criado pelo estado proletário— prende e deporta diariamente um sem número de militantes anarquistas sinceros e convictos, aos quais acusa depois — sem provas, é claro — de espionar contra-revolucionários.

* * *

Repetimos: — os factos apontados podem desenrolar-se em Portugal ou em qualquer outro país pela simples razão de que já tiveram o seu início na Rússia Soviética, na qual continuam e continuarão a eclodir enquanto existirem os estados — negros, amarelos ou vermelhos — diferentes no rótulo, mas idênticos nos meios repressivos por que fazem sentir a sua acção.

E os anarquistas *lunáticos*, *visionários* e *ineptos* prosseguirão na sua luta não só para impedirem que tais crimes se pratiquem, mas também para demonstrar a sua existência a alguns ignorantes que, movidos na sombra por elementos menos dignos, só sabem fazer barulho nas assembleias e gritar aos quatro ventos que os libertários nada fizeram, nada fazem e nada farão.

Raúl Elias Adão

NA RÚSSIA

Correspondência dos exilados

Quero agradecer-vos o dinheiro que me enviastes. É um duplo auxílio, porque o pensamento dos amigos faz-nos esquecer a distância e a solidão. Estou inteiramente só neste logar — não havendo outros exilados aqui. Os indígenas são pouco civilizados, encontrando-se num nível muito baixo da evolução.

Não há literalmente ninguém com quem se possa conversar.

Tudo rodeado de bosques primitivos, espessos e impenetráveis. Não sem receio vou eu à floresta para colher algumas bagas comestíveis.

Não é por simples prazer, mas por necessidade. Os frutos não se dão aqui.

A minha saúde é assim e assim. O ano passado julguei que poderia sobreviver ao meu tempo de exílio; mas agora espero poder. Durante as últimas semanas tive só uma vez hemoptises, e estas relativas melhoras trazem-se muito cheio de esperanças. Agora tudo depende do «centro».

Admiro-me que ordenou uma «mudança de clima». Ainda nada disseram acerca do que me espera no fim deste exílio! Permissão para viver nalgum lugar designado ou novo exílio?... A nossa sorte está nas mãos dos «todos poderosos».

EM BENAVILA

Os Rurais pensam reorganizar o seu Sindicato

Volta a reinar o entusiasmo, entre os trabalhadores desta localidade, pela reorganização do seu sindicato.

Sempre alimentamos a esperança de que os rurais de Benavila, depois dum período de sonolência e desilusões, voltariam de novo a interessar-se pela sua organização, única forma de fazerem valer os seus direitos: a vida e a liberdade.

Rejubilamos ao assistir a um novo alvorecer das energias que alguns julgavam mortas, e sentimo-nos mais fortes para continuarmos a obra encetada, ao vermos que não foi em vão que lançamos à terra, a semana da emancipação humana.

Embora um pouco tarde os rurais de Benavila ainda acordaram a tempo, para impedirem a voragem, desenfreada dos lavradores que mais do que nunca, estão agora empenhados em os reduzir à condição de escravos.

Que todos venham animados de boas intenções, (o que não duvidamos) pois que será isso a garantia dum bom êxito.

Le Minute.

Ler e propagar «A Batalha» é o dever de todos os trabalhadores.

AS CLASSES

Há vinte e três séculos, Aristóteles, na sua «Política», dizia-nos já: «Ricos em pequeno número, pobres em abundância, eis dois elementos fortemente opostos que dividem o Estado». Afirmava mais: «Toda a sociedade política divide-se em três classes: os ricos, os pobres e a classe média» e fazia também esta observação: «Vê o homem alto da sua beleza, das suas forças, do seu nascimento, ou das suas riquezas; vê o pobre acanhado pela miséria, a falta de meios e a humilhação; ambos são muitas vezes surdos à voz da razão». Por outras palavras, são levados a combater-se entre si.

Para Aristóteles, a desigualdade das fortunas é a causa da instabilidade dos regimes e a origem de todas as revoluções.

Em toda a sua exposição, faz mais duma vez aplicação do princípio classe contra classe.

A luta das classes não é pois uma descoberta científica de Marx, mas simplesmente uma verificação feita em todos os tempos pelos observadores do movimento político, económico e social.

Os negócios são negócios

Capitalistas da Suíça e agentes de Moscova injuriaram-se friosamente nos seus respectivos órgãos. Mas, segundo lemos na própria imprensa suíça, entre si têm elos concluído um conjunto de excelentes negócios.

PONTAS DE FOGO

As chamas do eterno incêndio

Os tempos, como as sociedades, as nações, as raças, as artes, as lâtrias, a política e o bicho-homem, têm a sua característica dominante, de diversíssima maneira apreciada e determinada. A divergência de critério analítico-determinativo da característica mais proeminente das coisas e dos homens, vamos encontrá-la na diversidade de credos religiosos, políticos ou filosóficos e de interesses individuais e colectivos, de ordem vária. Essas causas, cada uma de per si ou associadas, elaboram um formidável mostário de conclusões, separadas umas das outras por verdadeiros abismos — embora todas pretendam ter saído do ventre da Lógica.

Esse fenômeno, que à mais precária inteligência se documenta e patenteia, não é dos espectáculos menos curiosos e desinteressantes a que assistem os espectadores a quem, nas suas investigações nos domínios científicos, só a verdade experimental e convincente interessa.

Mas em que fundamental, solidamente, a razão de ser da diferença de julgamento?

Esta pregunta dir-se-ia feita por quem vem dum outro mundo, onde a moral, a justiça, a cultura e o instinto formam uma civilização diferente, toda paz, harmonia e beleza e onde uma só lógica é o dinamismo do critério analítico ao serviço dum só interesse humano e sociológico — mundo onde não há o absurdo, onde não impera o direito da Fôrça, onde não há memória do patrão Estado, onde parece não ter existido nunca o carrasco Capital, e onde a cultura do espírito se opera na realidade dos campos físico e químico, formidandos laboratórios donde brotam os conhecimentos que às sociedades humanas interessam. «Pretendemos que o conceito dum indivíduo corresponda ao de todos e que o julgamento de todos esteja em perfeita harmonia com o dum?»

Exato. Acrescentaremos que não deixamos de admitir a superioridade científica, à qual compete conceber, julgar e determinar exumando as suas conclusões das leis físicas-químicas, psíquico-biológicas, morais e sociológicas, ou sejam as que mais interessam à vida do ser animal, que Deus deixou pecar para ter o brutal prazer e exercer a cruel e eterna vingança de o obrigar, sem apelo, a sofrer...»

A superioridade em capacidade científica, chega a divergir mesmo no que constitui interesse vital para a vida, com ampla liberdade desenvolvida em todas as suas variadas manifestações. Essa divergência filia-se no interesse de muita mentalidade se colocar ao serviço dum egoísmo desmedido, e, fóra do campo científico, notamos que a parte de idêntico interesse, se levanta o sinistro espectro da ignorância, a mais explorada e mais poderosa força de que dispõe, para se manter, o criminoso convencionalismo social.

Com os olhos da cara e os do espírito vendados, milhões de indivíduos se arrastam miseravelmente sob o estupendo fardo da sua desdita, até ao distante calvário dum martírio atrofado — legião de cegos, mudos, surdos, adinâmicos, parvos e paralíticos, para cuja cura uma só terapêutica eficaz conhecemos: instrução, luz, muita luz.

E só depois teríamos que do conceito sobre o homem-estado, sobre a moral e o direito da fôrça, sobre a justiça e os códigos, sobre a política e as religiões, e sobre tudo que à emancipação humana e a tudo que à vida livre interessasse, resultaria um julgamento, em que não divergisse a hermenéutica da única lei: igual interesse pela Verdade e pela Vida. Até lá o mundo continuará ardendo devorado pelas chamas do eterno incêndio da luta encarniçada que nos cumpre alimentar até ao triunfo!

c. s.

Ler e propagar "A Batalha" é o dever de todos os trabalhadores.

AO DE LEVE

CONSIDERAÇÕES ÁCERCA DAS PERNICIOSAS SOCIEDADES DE RECREIO

São freqüentes os artigos em que se verbera a existência dos prostíbulos e das tabernas, anatemizando-os, com todo o rigor, por agentes da consumção dos povos. Taberna e prostíbulo são, para os espíritos simplistas, os únicos flagelos da Humanidade, as únicas mazelas tumurosas cujas carnições se pretende esvuirmar. Todavia, outras há em estado de igual supuração que, possivelmente por incúria, têm escapado à serena e fria acção do escaravelho da crítica.

Procuraremos preencher parte da lacuna, mostrando ao operariado, e em especial ao seu elenco feminino, qual o índice de corrupção dessas ante-câmaras de alcoice que são as Sociedades de Recreio, e como elas contribuem para o aniquilamento do sentido emancipador.

* * *

A criação das Sociedades de Recreio, desde que obedecesse a certas imprescindíveis condições de higiene, teria visado um fim interessante e útil, qual fosse o de estabelecer um afectuoso e fraterno convívio entre os seus associados, originando uma valiosa noção de sociabilidade com a qual muito haveria a lucrar. Parece, porém, que nunca foi bem compreendida a ação que essas associações de recreio e instrução popular poderiam, embora contingentemente, exercer nas falanges do proletariado e o certo é que, desvirtuada e tal como a temos cuidadosamente observado, ela é a mais corrupta e daninha, limitando-se quase que exclusivamente a facultar aos seus sócios um maior ou menor número de «matinées» e de «soirées» dançantes e admitindo em seu seio toda a casta de prevertidos, ignorantes em absoluto do respeito que devem ao próximo e a si próprios.

E assim, as Sociedades de Recreio podem considerar-se, primeiro, como perigosos fósforos de doenças físicas e, em calamitoso proporção, da terrível tuberculose, dado o esgotamento que sobrevem a tantas noites perdidas num espinotear constante, e os desarranjos orgânicos que derivam do uso excessivo do álcool, pois que o «buffet» faz parte integrante de qualquer sociedade de recreio, sendo de bom tom frequentá-lo com assiduidade. Por isso, se fosse feita uma estatística de doentes e incapazes saídos de tais sociedades ela seria assustadora e, só por si, justificaria o nosso rebate.

Há que encará-las ainda como factores de corrupção moral, e sob este aspecto afigurase-nos que não é menos de temer a sua ação nefasta, porque, constituindo verdadeiras escolas de vício, essas casas destroem nos seus frequentadores todo o senso genésico, não raro os atirando para a sordidez das taras sexuais, pela prática de actos do maior antagonismo com as leis da natureza e, sobretudo, pela sistemática preparação de semi-virgens, que em parte alguma poderiam ser melhor iniciadas.

Nós não pretendemos explicar a razão porque as Sociedades de Recreio são deste modo desmoralizadoras (Note-se que não citamos esta ou aquela; atacamo-las a todos, na sua ação conjunta). Afirmamos que o são e parece-nos que a isso não será estranho um acentuado erotismo, gerado naturalmente por uma ambição devassa em que há corpos juvenis e ávidos de amor, a tocarem-se libidinosamente na prévia certeza da impossibilidade de posse, proibida por uma

civilização em que a mulher é, sexualmente, escrava.

O pior é que essas taras sexuais de que falámos não afectam apenas individualidades. Os seus danosos efeitos estendem-se até à colectividade e constituem um perigo social de penosas consequências futuras. Nós precisamos de ter homens fortes, corporal e intelectualmente, num dia que não virá longe. Mas como poderão os homens de amanhã satisfazer este indispensável requisito se a evolução que lhes dará o ser é já, desde o ventre materno, portadora do vírus degenerativo — estigma da devassidão dos pais?

Porém, e à parte estes prejuízos morais e físicos para os clubistas e sua descendência, a questão reveste, de momento, capital importância se atendermos a que as Sociedades de Recreio roubam à causa da regeneração humana e da defesa imediata dos interesses proletários um valioso número de trabalhadores, e aqui referimo-nos especialmente às mulheres. E' que, salvo raras exceções, as aficionadas das dançistas, tendo que ganhar o sustento diário, são ipso facto vítimas da organização plutocrática, sem que conheçam, contudo, como as suas camaradas do estrangeiro se organizam para fazarem valer os seus direitos de seres pensantes. Deixam-se arrastar pela rede de um narcisismo tórrido, petulante e calculista, constantemente lançada à sua sensibilidade sexual e às suas tendências de afecitividade sábia, e como não estão, nem poderiam estar, couçadas contra semelhantes arremetidas, tomam por sinceros os protestos amorosos dos sedutores e, acabando por ceder aos seus lúbricos convites, vêm a breve trecho engrossar as fileiras do meretricício, tornando-se não só inúteis mas até prejudiciais à nossa obra reconstrutiva.

* * *

Entanto, fóra das lóbregas Sociedades de Recreio vai um marulhar ruidoso e incessante de idéias agitadas, de reivindicações conseguidas aqui e ali, de uma propaganda que tem por fim ensinar ao homem, os Direitos do Homem e a este os seus deveres para com a Espécie; que tem, por fim, fazer desaparecer senhores e escravos. Aos esforços titânicos de todos nós responde, a-pesar de tudo, a inacção de tantos camaradas, numa apatia criminosa em que não têm o direito de manter-se.

Porque não vêm até às suas associações

de resistência os que as possuem e porque não as fundam aqueles ou aquelas que ainda as não têm? Porque não trocam o «charleston» e o «jazz» pelo estudo das questões sociais e pela aquisição de uma cultura bastante para poder destruir certas características simiescas que, com mágoa o dizemos, lhes andam adstrictas?

E' tempo já de pensar a sério na nossa condição de homens e, nesta altura culminante do Progresso e da Ciência, de pensar ainda na nossa libertação total, na vitória da razão sobre a opressão.

Querem divertir-se? E' justo. Nós não queremos a renúncia vil aos gozos terrenos e não consta que alguma vez os libertários tenham preconizado o pauperismo: nós queremos gozar, queremos viver, na mais vasta acepção do termo. Mas vejam como essas coisas se fazem lá fóra, em pleno ar, num revigoramento sádico das forças perdidas... a encher os cofres burgueses. Olhem, por exemplo, para os Parques de Livre Cultura nos quais, por estranho paradoxo, a devassidão das Sociedades de Recreio é substituída por uma moral vivificante; onde a beleza impõe num agradecimento enternecido à Natureza, que nos criou tal qual somos e onde a dança se pratica também, mas obedecendo a um elevado sentimento de arte que faz dela harmonia, ritmo e Vida, enfim. Em contraposição, e em resumo, a dança, tal como se pratica nas Sociedades de Recreio, significa Mortel.

Divirtam-se, portanto, mas retemperando as energias sacrificadas ao labor das oficinas e dos «ateliers» e depois de criado o necessário espírito de classe; depois de desabrochada a consciência da própria personalidade; depois de convenientemente educado o sentido artístico e sexual.

Se os freqüentadores das Sociedades de Recreio assim fizerem, breve compreenderão todo o horror da senda viciosa que ora trilham, podendo, as mulheres, se tiverem trabalhado por uma libertadora independência económica, que alím conseguição, dar-se já a quem quiserem na suprema volúpia da obediência à natureza e às necessidades vitais e procriadoras.

Então, longe de continuarmos no lodaçal de hoje, já poderemos vislumbrar, através de uma intensa e profícua propaganda pelo facto, os alvores de uma humanidade mais sábia, mais lógica e mais feliz.

Homero Sampaio

CRÓNICA

(Continuação da 1.ª página)

coisas que fabrica, sujeito a ser triturado pela máquina com que trabalha.

E hoje ainda o povo se limita a querer. O pior será se ele chega a fazer como aquele personagem do diálogo do sr. dr. Júlio Dantas, que diante da recusa do médico em lhe operar a mulher naquele instante, recusa que podia provocar a morte da enferma, o obriga, de pistola em punho, a cumprir a sua missão. Será pior, não duvido, se ele fizer como esse marido que, quando o médico lhe disse não se responsável pelo resultado da operação, pois ia fazê-la debaixo de uma ameaça de morte — lhe respondeu sécamente: «E eu não me responsabilizo pela sua vida». Sim, então será muito pior.

Antônio Vitorino

Lede a «Solidariedad Obrera».

DE OEIRAS

E exigido o cumprimento do actual horário de trabalho

Da Associação de Classe dos Empregados do Comércio e Indústria de Oeiras, recebemos o seguinte comunicado:

Conforme pedido desta Associação ao Administrador do Conselho de Oeiras, de 30 de Outubro último, e em seu despacho de 15 do corrente resolveu que todo o comércio encerrasse às 20 horas, em todas as freguesias do concelho nos meses de inverno, e às 21 nos meses de verão.

Foi concedida meia hora de tolerância para que os empregados possam fazer as suas arrumações, não sendo permitido depois daquela hora qualquer trabalho dentro dos mesmos estabelecimentos.

Aos sábados o encerramento de inverno far-se-há às 22, e de verão às 23 horas.

Os pescadores e a sua situação

As suas reclamações

IV

As reclamações dos pescadores, como se verificou no artigo anterior, nada têm de exagerado. Antes pelo contrário, ainda que elas fossem atendidas completamente, como era da mais elementar justiça, a sua miserável situação apenas era aliviada um pouco do seu estado agudo. Porém, já assim o não compreendem os armadores e por isso, apesar das diligências empregadas, continuam dando a mais formal negativa, esperando que este estado de coisas se mantenha indefinidamente. É vulgar ouvir-lhos falar em estúmulo. Pois é assim que o comprehendem.

Há anos que a situação económica dos pescadores vem sofrendo bastantes alterações para pior. Todas as coisas necessárias à vida aumentam de preço. O género com que elas trabalham — o peixe — não é dos que aumentam menos. A par disso, os armadores, sempre que puderem, empregam e empregam vários processos para diminuir ainda mais os seus fracos provenientes. Cansados de tanta exploração, extenuados por tanta miséria em troca de uma vida inteira de sacrifícios, num trabalho exercido nas mais penosas condições, os pescadores reclamam algumas tendências a melhorar um pouco esse estado de coisas. E o que se verifica? O mais completo silêncio me volta dessas reclamações. E não só elas não são atendidas, como até mesmo as con-

UMA FASE DA LUTA

O proletariado deve cuidar da sua instrução

Quanto maior for o grau de instrução que o operariado possuir, tanto mais elevada será a sua excelsa e dignificadora obra, em prol duma sociedade que não lhe restrija, como actualmente, os direitos e as regalias que é incontestavelmente tem direito.

Se repararmos nos países mais adiantados, e indagarmos da causa do seu progresso, veremos, claramente, que o seu adiantamento é devido ao carinho e ao desvelo com que nélies se cuida da instrução.

E' sabido que o atraço estacionário do nosso país se deve essencialmente à numerosa percentagem de alfabetos.

Mais casos idênticos, se poderiam citar, para demonstrar ao trabalhador, que a sua emancipação só será um facto, quando se persuadir que é necessária uma sólida e cuidada instrução, para caminhar vitoriosamente no campo onde conquistará a sua liberdade integral.

Na sua marcha incessante, o tempo renova constantemente as gerações, tornando-as aptas a desempenhar as funções compatíveis com a perfeita ou deficiente cultura da sua época.

Ora, quando a massa trabalhadora possuir o aperfeiçoamento necessário que lhe permita compreender que é ela quem indirectamente superintende as diversas fases económicas dos países, e quem mais concorre para o progresso das nações, certamente, não se absterá de proclamar a sua completa independência, porque já possuirá elementos concretos, com os quais poderá discutir reñidamente, tirando sempre partido favorável, que lhe dará alento, para demonstrar aos capitalistas, que se pode vivar num regime de relativa igualdade.

E, podemos nós classificar estes factos como justos?

Não, porque isto é uma vilania inconcebível, a que todos os trabalhadores devem pôr cõbro, pugnando intrépidamente para a aniquilar.

Cuidai, pois, proletários, da vossa instrução, porque, procedendo assim, dais provas evidentes duma inteligência apurada.

A. F. Faria

Assim compreendem os armadores o estúmulo. Assim o compreendem e assim o praticam.

José Francisco

EDIFICAÇÃO SOCIALISTA NA RÚSSIA

NA ANTIGUIDADE

COMO FALA UM EX-COMUNISTA DA U. R. S. S.

A conspiração de Cinado

II

Sebastião Faure apresenta Panait Istrati na sua verdadeira personalidade de Revolucionário, referindo-se aos seus critérios sobre as coisas da Rússia e à sua modificação ideológica

dições em que estabeleceram os contratos de matrícula, na maioria dos casos, também não são fielmente cumpridas.

Quando os armadores se dignam responder — o que nem sempre sucede — e recusam, alegam para isso que as condições da indústria lhes não permite a criação de novos encargos. O argumento já não é novo. Sempre assim sucedeu. Se os pescadores estivessem à espera de que os armadores verificassem a sua indústria em condições de comportar a sua melhoria de situação, certamente ainda trabalhariam nas mesmas condições de há dez ou quinze anos. Não podem comportar novos encargos, todavia, constantemente se verifica tomarem novos compromissos, que cada vez os destacam mais da sua proveniência originária. Ouvindo-os falar, julga-se que têm arruinado a sua fortuna na indústria que exploram tantos e tão grandes são os prejuízos que enumeram, mas pode verificar quem os conhecer de perto, que dão ainda bem claros indícios de que as fortunas, actualmente disfrutadas por elas, têm ainda bem pouco tempo.

Quem os elevou àquela situação da qual hoje usam? O trabalho dos pescadores, sempre insuficientemente remunerado? Como chegaram até aquele ponto? A maioria, por maior audácia na exploração de tudo e de todos, uma grande parte por maior falta de escrúpulos. Nenhum chegou até ali por maior competência, pois na sua grande parte são analfabetos. Têm mais dinheiro, têm mais poder. Tal é a sua psicologia; tais são os seus pontos de vista.

Sobre Panait Istrati escreveu Sebastião Faure um curioso artigo. Vamos traduzir as passagens mais características:

As coisas não correm tão bem com desejam; a pesca foi fraca? Fazem missas algumas partes na percentagem, que arrecadam no seu bolso e isso os recompensam. Quando não basta, as despesas metidas em conta elevadas ao máximo, são um valioso auxiliar. Se ainda não ficam satisfeitos nos seus desejos sempre em aumento, o peso complementar a maquia. Os pescadores reclamam? Se incomodam muito desarmam, encalham as embarcações, pois apesar de todos os prejuízos que dizem sofrer constantemente, sabem que têm com que viver. Submete-te pescador; submete-te se queres ter onde empregar a tua actividade! Se incansas muito os teus exploradores, alguns dos quais ainda ontêm ombreiras confuso e fazem córo nas tuas amargas queixas, não terás trabalho. Que importa que sofras e te definhas numa miséria cruciana? Tudo isso é necessário para que a indústria dos armadores se subverta. Assim compreendem elas a tua situação do produtor. Assim tratam os armadores aqueles que se tornam indispensáveis à manutenção da sua riqueza, que, de tam recente, cheira ainda a sangue. Bem sabem elas como se haverão quando, fartos de sofrer reclamações pela força o que não cedem pela razão. Nem se importam em saber. Procuram apenas tirar todo o proveito possível dum a situação que lhes é inteiramente favorável.

Para elas, o momento presente é tudo. Se amanhã forem obrigados a ceder, cederão. De contrário os seus argumentos terão sempre actualidade. Outem como hoje; amanhã como sempre.

Assim compreendem os armadores o estúmulo. Assim o compreendem e assim o praticam.

José Francisco

que Istrati, mesmo, chamava testamento.

Nesse documento Panait Istrati afirmava:

«Não procuro fazer fortuna. Toda as fortunas me repugnam. Declaro a minha obra inteira, a que se vê hoje e a que se verá amanhã, propriedade exclusiva do partido comunista russo, entanto que seja o estrangeiro, mantendo a tua palavra ou se não és mais que um patife.»

«Esses homens não eram brancos. Eram emigrados políticos, esses polític-emigrantes perseguidos pelo fascismo, que, ao desamparo, se contam por milhares na União, onde os piores canhais vivem confortavelmente na Lux, porque estão «na linha.»

A Istrati foi preciso mais dum ano para dar-se conta de que se tinha enganado ou, mais exactamente, de que se deixado enganado pelos scenógrafos dumha Rússia, hábilmente desfigurada.

O que precede, porém, mostra que ponto, ao começo, se havia deixado entusiasmar. O seu testemunho de hoje tem, por isso, mais valor.

Vejamos o que ele, agora, afirma:

«Depois de me ter calado durante um ano, não estou aqui para silenciar a minha rebeldia. Olhos que não esquecerão nunca, vozes que

sóam, todavia, no meu coração,

.....

As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a milhões de desgraçados e compromete, para sempre, os ensinamentos que há 20 anos nas Bases do Socialismo ou no Programa de Erfurt de Kautsky.

E' mais adiante:

«As fábricas baseiam-se no Pravda; este se baseia na fábrica e todo o andamento da ditadura se baseia na G. P. U., que oprime a

DESMASCARANDO TARTUOS

Uma carta de Vila Real de S. António

Ainda acerca dos recentes manejos dum intruso político no movimento operário de Vila Real de S. António,—indivíduo que nem sindicado é, visto ser estranho à classe trabalhadora,—recebemos uma nova carta desfazendo várias historietas por aquele arquitetadas, e trazidas indecorosamente à luz da publicidade.

Assim escrevem-nos dali:

A Batalha de 14 de Novembro foi aqui muito procurada, se mais houvesse, mas se tinha vendido, visto que toda a gente estava ansiosa por saber, o que dizia de Vila Real de S. António.

Na noite de domingo andou o estudante Cabrita com os rapazes inexperientes na organização operária à minha procura, para vir disputar comigo, o que A Batalha dizia, céle, visto que só podia ser discutido a sôcõe conforme ele afirmou, tanto na minha frente, como na frente de quem calhasse. E por aqui podem ver a moral do estudante.

No dia 21 de Novembro chegou às minhas mãos o n.º 40 do Proletário, onde inserei um relato da sessão realizada em Vila Real. É uma coisa extravagante, desarticulada e sem decro feita pelo Cabrita, que se assina Franco, trocando o nome de Vila Real de S. António por Lisboa.

Nesse relato diz ele «que há aproximadamente dois meses o camarada Ca brita falando com Augusto Branco, operário conservador, lhe alvitrou a fundação dum sindicato nesta localidade. O camarada Branco de princípio opôs grandes dificuldades, mas acabou por ceder, começando então ambos a trabalhar na realização deste projecto».

Todos os intruções dos trabalhadores fazem, conforme diz o Cabrita, para iludir os operários, depois de servirem deles para fins políticos.

Eu e mais dois ou três rapazes, nos princípios de Julho, resolvemos começar a dar andamento aos trabalhos, para ver, se podia levar à prática a constituição dum Sindicato, onde se pudessem agregar todos os trabalhadores de terra e mar de Vila Real, mas de pronto não se pôde dar andamento a esse trabalho, só se vindo a realizar uma reunião em 5 de Setembro.

Como a comissão tinha que convidar alguém para vir realizar uma palestra sobre a necessidade de associação, e já não havia tempo de convidar um delegado da Comissão Inter-Federal, eu, numa noite, encontrei-me com o Cabrita, e preguntei-lhe, se poderia realizar uma pequena palestra sobre a necessidade de associação, o que ele aceitou, dizendo estar à minha disposição.

Agora diz no Proletário que foi ele quem alvitrou a fundação dum Sindicato, em Vila Real de S. António.

Ele deve estar certo que eu quando lhe pedi que confeccionasse os estatutos, também lhe disse que se viessem os de Lisboa, se iam apresentados para serem aprovados, os que melhor servissem os fins da associação, o que ele respondeu que sim. Também se deve recordar que eu fiz algumas observações aos estatutos por ele feitos.

Logo de início no seu relato diz o Cabrita que eu declarei que só poderiam falar operários e conhecidos.

Isso é falso, visto que disse que só deviam falar operários na discussão dos estatutos por ser assunto que só a estes interessava discutir.

Quanto ao viva à Comissão Inter-Sindical, ninguém na sala o deu, mas ele pô-lo por sua conta.

Augusto Fernandes Branco

ESPERANTO

Resposta a uma carta

P. Que livros deve comprar um principiante?

R. Recomendo como primeiro livro *Primeras Líções de Esperanto* de Th. Cart.

Nele encontrará explicada a pronúncia e a gramática. Este livro contém também um pequeno vocabulário, que serve para a tradução da matéria contida nas dez lições.

Poderá comprar também uma *Chave de Esperanto* e um *Pequeno guia de conversação* de Tobias Leite. O primeiro servirá de dicionário Esperanto-Português e o segundo de dicionário Português-Esperanto.

Se deseja aprender em curso por classe dirija-se à Liga dos Esperantistas Ocidentais, R. do Bocage n.º 9.

UM DOCUMENTO

RESULTADO DUM INQUERITO, FEITO A UM MILITANTE

O documento lido por M. J. de Sousa no seu sindicato

A defesa dum acusado

No número anterior terminámos a publicação do relatório e dos depoimentos relativos aos actos de M. J. de Sousa na C. G. T. Hoje devemos acrescentar que, sendo esses documentos apresentados ao respectivo Sindicato, novas acusações foram feitas àquele nosso camarada, numa sanha de perseguição feroz, que não tem igual nos anais históricos da vida proletariana portuguesa.

Ao publicarmos os documentos acima referidos, nós quisemos ilucidar toda a gente. Mas essa iluminação ficaria incompleta e dariam margem a novas suspeitas, se não fornássemos igualmente pública a exposição no seu sindicato apresentada, pelo camarada M. J. de Sousa.

Nela constam todas as demais acusações e as respectivas contestações.

Antes porém, de iniciarmos a publicação do novo documento, cumpre-nos fazer umas rectificações: a primeira, consta do relatório da C. G. T., quando diz que a reunião dos espanhóis, em França, à qual assistiu M. J. de Sousa, em 1926, se efectuou dias antes da conferência da A. I. T. De facto essa reunião foi assim anunciada. A verdade, porém, é que, por motivos que não interessam agora, essa reunião efectuou-se dias depois; a segunda consta do depoimento do camarada Silvino Noronha, na parte referente ao consultório conseguido para o dr. P. Vallina receber os seus doentes. Esse consultório foi o do dr. Ramos Pinto, na ruia do Mundo.

Exposição de factos—Pela verdade contra a calúnia

Por consideração para com a classe dos manufactores de calçado e da sua associação, da qual faço parte, eu aceitei no seu seio a discussão de factos a que a mesma directamente é estranha.

ACEITANDO aqui esta discussão, eu quiz demonstrar que, aqui como em toda a parte, posso de fronte erguida e sem o menor receio responder por todos os meus actos.

Poderia eximir-me a fazê-lo com inteira razão e dentro do direito que resulta da circunstância de os factos que servem de base às acusações que me fazem não se terem passado dentro do sindicato, à exceção dum que o mesmo em devido tempo arrumou.

Com efeito, onde se produziram esses factos? Na C. G. T. Logo era na C. G. T. que eu deveria ter respondido por elas. Nesse organismo estavam os militantes que foram seus autores ou que nos mesmos interviveram. As circunstâncias em que esses factos se houvessem produzido, só eles as conheciam. Ali estava toda a documentação, todos os elementos de análise. Só lá, portanto, é que qualquer acusação poderia ser feita, se para tanto tivesse havido motivos.

Afastado voluntariamente dos cargos que exerci naquele organismo e tendo requerido, oportunamente, a nomeação dum comissão de militantes estranhos à C. G. T. a fim de a mesma proceder a uma análise rigorosa aos recibos de todas as delegacias deste organismo desde a sua fundação, só depois disso me afastei. A nossa Federação de Indústrias reforçou aquela proposta, tornando esta pública em 19 de Agosto de 1920 em A Batalha.

Parece que estava naturalmente indicado que todas as acusações deveriam cessar, posto que as bases de novas acusações só deveriam existir na eventualidade — em minha consciência negativa — de nos meus recibos se encontrarem despesas não justificadas no estriamento necessário ao exercício dessas missões, dentro ou fora de Lisboa.

Retirado da C. G. T., se novas acusações surgissem quem deveria pronunciar-se sobre a veracidade das mesmas? Deveriam ser, creio, os próprios militantes. Mas eu queria dar de barato que nem todos os militantes merecessem confiança aos meus detractores. Nesse caso restaria um meio: a nomeação dum comissão mista, composta por dois militantes da absoluta confiança dos acusadores, dois outros por parte dos acusados e os quatro elementos reunidos em comum escolheriam um quinto militante, estranho às duas partes, como árbitro ou desempate. Esta comissão analisaria o fundamen-

to das acusações e alegações dos interessados, deliberaria livre e conscientemente e no final daria o seu parecer imparcial.

Mas os acusadores não procederam dum modo nem doutro. Os acusadores quizeram apenas fazer especulação. Não tendo em conta a dignidade própria de homens de carácter, de pendor e de honra, eles preferiram acusar sem provas, sciéntes de que a calúnia sempre fizca alguma coisa, e o seu fim desmoralizador só deste modo seria conseguido.

E quem têm arranjado, para avaliar da justiça das suas acusações infamantes? A organização? Os seus militantes? Não! Perante estes não poderiam desenvolver o trabalho de sapo que lhes garantisse a impunidade; perante estes não valiam as baixas intrigas, o trabalho da maledicência, apaixonado, feroz, odioso e odioso que se permitiram ter junto de camaradas da indústria de calçado, em absoluto alheios à vida confederal, camaradas ingénuos, ignorantes das coisas sociais, muitos alheios à vida do seu próprio sindicato, onde não comparecem, mesmo quando se trata de estudar ou deliberar sobre as suas próprias regalias a conquistar ou defender; camaradas, que, por isto, se desinteressam, mas que são propensos a acreditar nas piores acusações feitas aos militantes e que nunca curam nem podem curar se o fundamento dessas acusações têm uma base justa e verdadeira.

A ignorância é mãe da desconfiança. E os meus acusadores exploraram estes dois defeitos e com elas que querem tirar partido. Para os meus detractores não é preciso recorrer a quem conheça as questões. O que precisam, para satisfazer o seu baixo desejo de vingança, aliado ao interesse político de alguns (os outros são apenas instrumentos conscientes ou inconscientes destes) o que precisam, repito, é de número, de gente que acredite na grande infâmia e que vote segundo o seu desejo.

Isto é o que tenho observado nas sessões anteriores, além de saber que reuniões privadas tem havido onde se tem cultivado apenas a maldade e a calúnia, abusando-se assim da boa fé e credulidade fácil das camaradas convidados. Os meus detractores não têm chamado esses camaradas para lhes indicar o elevado espírito de justiça que é necessário presidir no cérebro daqueles que são chamados a julgar com consciência, com verdade e com razão; não, os meus acusadores tem um fim reservado: correr comigo e com todos os que de algum modo podem prejudicar as suas intenções políticas de absorver o sindicato. Para alcançarem este fim todos os meios são bons.

* * *

Por escrito, porque quero que este documento fique arquivado no sindicato para quando se fizer a história se poder julgar com a justiça que agora se pretende empregar, eu vou resumir o que já disse e expus e terminar, por mim, com esta fastidiosa e vergonhosíssima questão.

Para me difamar, os meus acusadores andaram em busca de factos passados, há bastantes anos. Para repôr a verdade, eu, como acusado, necessito buscar a génesis de toda esta baixa campanha. Mas não me prolongarei. Fa-lo-ei esquematicamente, reportando-me apenas a factos passados no sindicato, também já há alguns anos.

Quero referir-me à hora em que surgiram no seio do sindicato as primeiras manifestações de ordem política. Até ao Congresso da Covilhã, na nossa associação não se verificou qualquer tendência política. Mas, após aquele Congresso, quando os sindicatos operários portugueses eram chamados a pronunciar-se por uma das internacionais, surgiu essa luta, defendendo alguns dos seus componentes a adesão à I. S. V. enfeudada à I. C., ao serviço da U. R. S. S. Já então os políticos andaram à cata de votos para influírem com o seu peso nas assembleias.

Mais tarde surge um convite para o nosso sindicato aderir ao S. V. I., outra das conhecidas células daquela internacional política. A assembleia que dêste convite se ocupou de rejeitou a adesão. Surge, depois, novo convite e uma nova assembleia rejeita essa ade-

são. Surge, depois, novo convite e uma nova assembleia rejeita essa adesão, pela segunda vez.

São bem conhecidas as minhas opiniões sindicalistas e anti-políticas. Partidário — para muitos demasiadamente rígido — da independência dos sindicatos em face de todos os partidos políticos, por considerar, como a velha A. I. T., que «a emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos mesmos trabalhadores», eu, como a maioria dos nossos militantes, defendi o critério da não adesão do nosso sindicato àquelas células políticas do comunismo governamental. Era coerente com os princípios da acção do sindicalismo revolucionário, procedendo tal qual como no seio da organização geral e na Batalha, quando na mesma exercitavam o cargo de seu director.

Tal posição acarretou-me ódios, alguns dos quais são dos que matam — ódios que se criaram tanto fóra como dentro do sindicato. O mais ignorante, mas que tem pretenções, porque, pela sua ignorância, se sente impotente, é o que mais ódio vota, em política, ao seu adversário. É o que sucede com o meu antigo detractor Alfredo Monteiro.

Mas entremos nos factos. Quando da Conferência inter-sindical de Lisboa, em 1924, onde foram votadas a C. S. T. e as J. S., o nosso sindicato fez-se representar por 5 delegados. Já no seu termo, aquela Conferência não possuía um documento que sintetizasse uma resolução final consubstanciando as aspirações colectivas dos organismos aderentes. Deliberou, pois, a nossa delegacia que eu perdesse um dia para elaborar um documento que corresponesse àquela necessidade, depois de que, a mesma Conferência, deliberava nomear uma comissão composta de delegados que houvessem apresentado documentos e dos que os tinham ainda para apresentar, a fim de eu da mesma fazer parte.

NA ANTIGUIDADE

O trabalho em várias épocas

(Continuação da página central)

po: sempre preocupado com o seu projecto julgava ver surgir já de todos os cantos a multidão revoltada e ardente; feliz e confiada, sonhava com a tentativa próxima, com a vida nova dada a Esparta, quando de súbito, como que a um sinal, todos os seus companheiros, soltando um grito, se precipitaram sobre ele, o amarraram, o arrastaram para fora do caminho.

Compreendeu logo. Nem os seus protestos, nem as suas súplicas, nem ainda os seus apelos à revolta puderam convencer os rapazes. Então, sentindo-se perdido, confessou, disse o nome dos seus cúmplices do advinho Tisamenos e dos mais salientes, nomes que um cavaleiro, a todo o galope, foi transmitir aos éforos. Antes do pôr do sol, estavam os conspiradores todos presos, e nessa noite os «cidadãos» dormiram mais sossegadamente.

No dia seguinte, ao romper de alva, trouxeram Cinado para a cidade. Interrogado, apertado pelos éforos, repetiu a confissão.

— Mas que fiz tihas tu em vista? perguntou o decano dos magistrados. Que queiras tu?

— O que eu queria, respondeu ele, era não ser inferior a ninguém.

Ataram-lhe então as mãos, enfiaram-lhe o pescoço num instrumento de madeira, chibaram-no, picaram-no com agulhões, a ele e a todos os da conjura, passearam-no assim pela cidade e acabaram por matá-lo.

Desde então os inferiores, cheios de terror, não mais se mexeram. E assim foi que, por mais alguns anos, os cidadãos de Esparta asseguraram a sua dura dominação.

Reflexões. — Esta narrativa é também tirada de Xenofonte, discípulo de Sócrates (livro IV, cap. 3.º das «Helénicas», história grega). Quizemos opôr à democracia labriosa de Atenas a jerarquia aristocrática de Esparta. A conjura de Cinado não é única. As revoltas repetiam-se, sobretudo quando diminuía muito o número dos cidadãos. A sociedade espartana, nesses momentos, só pelo terror se mantinha.

Alberto Thomas

DE BRAGA

UM MANIFESTO

NA COVA DA PIEDADE

DE BEJA

Relembrando o passado

Muito teria que dizer da desorganização que vejo nesta cidade, se tivesse ocasião para isso. Farei no entanto, com que os meus camaradas leitores me compreendam, fazendo-lhes ver em que estado eu vim encontrar a Organização Sindical da velha cidade de Braga, e quais os factores que a levaram a este círculo.

Devo dizer que, o *comodismo* e o desleixo, foram a causa principal desse facto. Mas também há a dar-se a culpa às *tendências* de alguns militantes, que em lugar de tratarem do bem colectivo, tratando das questões sindicais, amesquinham os contrários, procurando fazer prevalecer os seus principios ideológicos, nascendo, portanto, daí o desleixo e a confusão.

Julgo que não podemos chamar salsatos áqueles que se degladiam. Isso, só dá motivo a que os nossos inimigos tomem conta de todos os nossos fracos, apoderando-se da nossa desarmonia, e fazendo assim prevalecer os seus objectivos.

Não virá um dia uma rajada de bom senso em que se quebrem as malquerenças e deixem de se maldizerem, trabalhando todos para um fim único, em proveito do operariado?

E lamentável o que vi e tenho visto nesta cidade. A desarmonia é tal, que trazendo à luz a nossa organização de outrora, em que impunhamos respeito ao patronato, fazendo sempre prevalecer os nossos direitos, lamento deveras os descalabros actuais...

Haja senso... e bom pensar, porque o tempo vôle e quando formos a arripiar caminho, será tarde!

Deixem-se de ideologias. Pense-se, sim, com afino, no bem estar do operariado, mas todos em comum.

Por tanto, camaradas, torna-se muito necessário que todos se concentrem mas sem a ilusão das tendências, para que a organização operária nesta cidade se torne um facto concreto, e se pense mais uma vez na reorganização da U. S. O. que, com a sua falta, tem ocasionado muitos prejuízos à organização local.

Manuel Fernandes
(Militante operário)

N. da R. — O autor demonstra insinuadamente um desejo sincero de se produzir alguma coisa só no seio da organização operária bracarense. Está certo. O que não está certo é quando preconiza o princípio de se colocar de lado a ideologia. Se quer referir-se à ideologia consagrada num programa de partido político, também está certo. Este facto é que trás a divisão e o ódio entre os operários. São estes programas que devem ser postos à margem por eles.

Mas os operários, para serem conscientes, devem ter uma ideologia — aquela que conduz ao reinado da igualdade, da liberdade e da justiça.

A BATALHA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA:

CONTINENTE e ILHAS:

Série de 10 números..... \$300

ÁFRICA:

Série de 20 números..... \$800

ESTRANGEIRO:

Série de 20 números..... \$1100

Pagamento adiantado

Toda a correspondência deve ser enviada para o **APARTADO n.º 329.**

LISBOA

A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

recomenda a leitura de «A BATALHA»

Uma manobra da Moagem. Que pretenderá ela?

A moagem tem sido objecto de preocupações constantes por parte do povo que, de vez em quando, vê ameaçada a sua vida e a sua bolsa com as manigâncias da celebríssima moagem.

As suas manobras não cessam e encaminham-se sempre no sentido de maiores serem os seus lucros, mais vastos os seus domínios. Sobre nova manobra, que se vem esboçando, tomando corpo com lentidão, a Associação de Classe dos Operários Manipuladores de Farinhas do Noroeste de Portugal editou um manifesto que trás o título: «O que pretende a Moagem?»

Dê-lhe respeguemos as passagens que se seguem e que bem elucidam das manobras a que nos referimos:

E, seguindo esta orientação, há muito que ela vem fazendo todos os esforços para dar ainda mais um terrível golpe, dilatando a organização de um formidável trust, para o qual entram todas as fábricas de moagem, parte das quais, até agora, se têm conservado independentes.

Para esse fim tem ela feito várias «démarches» junto das respectivas empresas.

Mas, como até hoje, estas se tem recusado terminantemente a serem devoradas em benefício do seu poderoso ventre, procura ela então conseguir, segundo nos consta, pelas vias legais, o encerramento das fábricas independentes, constituindo o Trust Nacional da Moagem, única entidade produtora e fornecedora de farinhas em todo o país e como tal, senhora absoluta do mercado, dispondo assim dos destinos de toda a população, sobre a qual faria pesar ainda mais o forte látigo das suas desmesuradas rapinações e estabelecer de tal forma o seu poderio na balança da Indústria, do Comércio e do próprio Estado que tornasse numa realidade aquela frase há muito consagrada de que «a Moagem constitui um estado dentro do próprio Estado».

E de facto, não podemos negar que a Grande Moagem, à frente da qual se encontra a Sociedade Moinhos Reunidos, Ltd., representa uma força potente e invencível a qual chega, por vezes, a não respeitar sequer as determinações dos Poderes constituidos, como se verifica ainda actualmente com a lei que estabelece o tipo único, lei que é absolutamente sofisizada pela introdução no mercado das farinhas melhoradas, verdadeira fraude praticada contra a actual legislação sobre o regime de farinhas, fraude que reverte em prejuízo do tipo único por a este ser roubada a farinha *flour* que lhe é própria.

Então a introdução de 5% de centeio nacional nas farinhas, não foi também um alto negócio para a Moagem?... Quantos milhares ou milhões de quilos de centeio exótico não se importaram e consumiram, adicionado à farinha numa percentagem muito mais elevada que o previsto na legislação que autorizou tal concessão?

Oh! Como seria longa a descrição de todos os negócios, arranjos e cambalachos da Moagem!

O que se passa com os actuais cartéis da indústria de moagem, muito especialmente a Sociedade de Moinhos Reunidos, Ltd., é exemplo suficiente para pôr de sobre-aviso os actuais dirigentes do país sobre os propósitos da Moagem.

Não bastando explorar apenas o povo, esta companhia lança na miséria os seus operários, o maior número do qual, só trabalha uma parte do ano em face da concessão feita a essa companhia para moer o trigo num reduzido número de fábricas.

Se, se verifica, portanto uma tão grande imoralidade por parte da Moagem num regime de relativa liberdade de concorrência, que se pode esperar, se ela conseguir o Trust Nacional da Indústria Moageira?

Os trechos do manifesto a que aludimos, acabados de ler, revelam bem as manobras que a moagem anda fazendo para vencer mais uma vez, obstáculos. Com as bases para nova indústria que apresentou, o que terá em vista?

Aguardamos os acontecimentos, não sendo aconselhar ao operariado que se acalte, preparando-se para fazer face às novas especulações, evitando-as se possível for.

Operários vítimas da sua indiferença e comodismo

E verdadeiramente deplorável, e bastante deprimente para o operariado local, o facto de a organização sindical da Cova da Piedade, se encontrar num verdadeiro estado de decadência, do qual os maiores culpados são os trabalhadores por terem votado a um completo abandono os seus sindicatos profissionais. E espantoso que numa época de crise, como a que actualmente se atravessa na Cova da Piedade, os operários ainda não tenham compreendido que só os seus esforços conseguem algo que amenize um pouco o cruento sofrimento que os atormenta e lhes abrevia a existência.

Não é com a sua manifesta indiferença pelos sindicatos, que os operários conseguem eximir-se do penoso calvário que ora lhes domina a existência. Os sindicatos são desprezados pelos produtores que só a elas acorrem quando em perigo iminente, ou quando estão em riscos de ser despedidos das oficinas em que trabalham.

E isto nem sempre sucede!

De contrário convocam-se reuniões e reuniões para tratar de assuntos mais importantes e decisivos e nunca se logra obter uma frequência animadora.

Os que se encontram colocados nunca pensam que podem, dum momento para o outro, ver-se reduzidos à miséria ocasionada pela crescente crise de trabalho que nos domina, e muitas vezes nem os operários desempregados convergem para o seu sindicato que encaram com uma coisa inútil.

Deste triste facto se aproveitam os industriais que não cessam de tripudiar e sobre os infelizes operários que têm a desdita de lhes cair sob as aduncas garras.

Estes senhores não hesitam, ao mais fútil pretexto, em lançar na miséria chefes de família que por mero acaso lhes teham caído em desagrado. Isso aconteceu nas obras do novo arsenal no Alfeite, pertencentes a uma companhia alemã. Foram despedidos muitos pedreiros e serventes sem motivo justificado.

São actualmente os «amigos e senhores» disto.

Riem, ainda por cima, da acção dos sindicatos operários que, quando bem organizados os mantinham em respeito. Hoje os seus filiados correm pressurosos — embora pareça paradoxal — na sua grande maioria, aos divertimentos que os exploradores lhes proporcionam com o fim, em parte conseguido, de os desviarem das lides sindicais.

E para completar esta triste exposição, vêmos quase inertes os dirigentes dos nossos principais organismos a exceção dum pequena minoria que, por desajudada, não consegue fazer causa alguma de geito.

É preciso mudar-se de rumo. Façamos todo o possível por nos desviarmos do caminho inglório em que rolamos e que fatalmente conduzirá a um profundo abismo, ao caos da completa desorganização sindical.

É preciso que se entre numa nova fase do movimento operário local, numa era de trabalho profícuo, que só será possível se todos os esforços forem conjugados dentro dos sindicatos operários, para que estes possam ter uma nova vida e bem assim uma acção mais ampla e eficaz.

Se houver vontade há muito que fazer.

Temos bastantes sindicatos para reorganizar: Construção Civil, Metalúrgicos, Manipuladores de Farinhas, etc., etc.

Faz-se o possível por reorganizar estes sindicatos e quanto aos que ainda estão organizados é necessário que os seus componentes os fortaleçam, que os seus esforços se conjuguem dentro deles e que as suas melhores atenções para eles couvijam, a fim de poderem produzir trabalhos dignos de nota.

António Gonçalves

Na revista mensal de ciência, sociologia e arte —

«AURORA»

encontra-se, em todos os números, leitura útil ao estudioso

A casa dos trabalhadores

Reuniu-se esta classe em assembleia geral, para resolver a melhor forma de se levar a efeito a escritura da casa dos trabalhadores.

Depois de um membro da direcção, dar conta do que se passou numa reunião conjunta das direcções dos Sindicatos Rural, Construção Civil e Sapateiros. Usaram da palavra vários camaradas que se insurgiram contra a ideia de se fazer a escritura da Casa dos Trabalhadores em separado, pois o fim em vista pela comissão pró Casa dos Trabalhadores, era que o prédio fosse pertensa de todos os organismos em comum, sendo por fim aprovada por unanimidade, a seguinte moção:

Moção:

Considerando que hoje mais do que nunca se vê a necessidade de se fazer a escritura da Casa dos Trabalhadores de Beja;

Considerando que tendo havido uma reunião das direcções das associações, Rural, Construção Civil e Sapateiros, em 3 de Novembro, e verificando-se que nessa reunião houve manifestações, de que a escritura da casa devia ser feita em separado.

A classe dos Sapateiros Bejenses reunida, em assembleia geral em 19 de Novembro, resolve:

1.º—Que a escritura da Casa dos Trabalhadores seja feita em comum, entre os três sindicatos proprietários do prédio, Rural, Construção Civil e Sapateiros.

2.º—Que esta moção baixa às assembleias gerais dos sindicatos Rural e Constituição Civil, para ser aprovada e nomearem os respectivos delegados, que devem fazer parte da comissão que levará a efeito a escritura da Casa dos Trabalhadores.

DOS MOBILIÁRIOS

A situação crítica dos operários estofadores

Conforme li no número antecedente de A Batalha, numa entrevista por um militante da minha indústria, crise que estamos atraçando é grande. De facto assim é. Na minha especialidade, há bastante trabalho, ocasionando a crise os industriais, pois só pensam nos lucros, obrigando os seus operários a fazer empreitadas, impondo-as com arrogância e com o seguinte dilema: se quer fazer faça; se não quer vá-se embora. Alguns operários, veem-se obrigados aceitarem para não morrerem de fome.

E enquanto uns têm a família em casa morrendo de fome, outros esquecem-se dos seus camaradas que se vêm abraçar com a miséria. Se existisse uma forte união da nossa especialidade dentro do nosso sindicato de indústria, evitaria-se que a exploração patronal se fizesse sentir tanto, deixando de se verificar tão frequentes quadros de miséria.

Existe em Lisboa uma oficina que eu não posso deixar passar sem reparar. A exploração por meio de empreitadas é aí mais intensa. Reli no dia 20 de Novembro, em que a exploração patronal se fizesse sentir tanto, deixando de se verificar tão frequentes quadros de miséria.

Existe em Lisboa uma oficina que eu não posso deixar passar sem reparar. A exploração por meio de empreitadas é aí mais intensa. Reli no dia 20 de Novembro, em que a exploração patronal se fizesse sentir tanto, deixando de se verificar tão frequentes quadros de miséria.

Reli no dia 20 de Novembro, em que a exploração patronal se fizesse sentir tanto, deixando de se verificar tão frequentes quadros de miséria.

Há outro assunto que eu quero focar e que o camarada entrevistado cita. É a fiscalização rigorosa no material a empregar nos móveis estofados e a proibição rigorosa da venda de estofos usados, porque são veículos transmissores dos bacilos da tuberculose, que, dia a dia, se desenvolve mais na nossa classe. Seria, ainda, necessário proibir os seguintes avanços: a palha da fábrica dos fósforos, apara de madeira, o pêlo do coelho que vende a fábrica de chapéus da rua da Metade, o emprego de linhagens sujas como as dos fardos de bacalhau e como empregar todo o desperdício que é aproveitado da limpeza da oficina. Tudo isto são factores do mal, tanto para o próprio estofado como para a saúde dos estofadores.

A quem interessa o desaparecimento de tais materiais? Ao patrão? Não? Este só tem a lucrar, pois que mais barato sai o móvel.

Para terminar, apelo para todos os operários estofadores, afim de ingressarem no nosso sindicato de indústria para que todos, unidos como um só homem, estudem a melhor forma de terminar com estas anomalias que citou.

A. F.
(Sindicato n.º 172)

A BATALHA

DO PORTO

Na fábrica do Nogueira e nos Manipuladores de farinhas

Chegam-nos informes pouco satisfatórios do que se passa adentro deste feudo têxtil, já celebrizado por algumas arremetidas vexatorias contra os operários e operárias que nêle exercem a sua actividade.

No próximo número far-lhe-emos referência, visto aguardarmos informações mais detalhadas que nos habilitem a pronunciarnos com absoluto conhecimento do assunto.

* * *

Conforme vinha sendo exposto na *Vanguarda* está a classe dos Operários Manipuladores de Farinhas empenhada em destruir um trust poderoso, planeado pelos magnates da moagem.

Neste sentido tem realizado algumas bôas sessões, sendo a última no passado domingo. Constituída a mesa, o presidente profere algumas palavras alusivas ao assunto em debate, dando em seguida a palavra ao representante da Delegação Confederal que faz interessantes considerações, lendo, em seguida, cópia dum documento enviado ao ministro da Agricultura, que obteve a aprovação unânime da assembleia.

Transmitiu, também à assembleia o resultado duma entrevista havida com o chefe de gabinete deste titular, que afirmou que antes de serem modificados os actuais diplomas ouviria primeiro os representantes da classe.

Segue-se-lhe o delegado da C. S. T. que faz também algumas considerações interessantes, demonstrando que a situação presente do proletariado assemelha-se a outras já passadas, salientando a necessidade imediata dos trabalhadores olharem, por fim, pela sua própria existência.

Seguem-se-lhes outros oradores, sendo resolvido por último manter a classe em sessão permanente, e realizar algumas sessões pelos locais onde a indústria está mais largamente representada, a principiar pela Senhora da Hora.

Foi, finalmente, apreciado o resultado satisfatório colhido pela distribuição dum manifesto ao público em geral.—C.

MARCO POSTAL

Fonte.—M. de Carvalho.—Estamos de acordo. Mande, então, as suas correspondências para o nosso jornal. Escreva dum só lado do papel e com espaços um branco bem largos.

Valadares.—J. M. da Silva.—Neste número são publicadas indicações sobre a aprendizagem do esperanto. Parece-nos que nelas evitaremos o que deseja.

Vale de S. Tiago.—José Inácio Braz.—Recebemos a liquidação dos jornais e agradecemos. Sobre *Vanguarda Operária*, sciemos e demos o devido destino ao dinheiro.

Fonte de Sor.—Adriano Pedro Ferreira.—A sua assinatura ficou paga até ao n.º 11.

Valadares.—J. Moreira da Silva.—O último n.º da *Renovação* é o 24.

Fafe.—Recebemos liquidação das assinaturas, do Sindicato da Construção Civil, António Rodrigues e Manuel Nogueira. Agradecemos.

Moncarapacho.—Estão liquidados até ao n.º 20, as assinaturas de José do Nascimento e José Pedro da Silva.

S. Martinho do Bispo.—João Gomes Jacinto. A sua assinatura ficou paga até ao n.º 10. Agradecemos.

Aveiro.—Alfredo David.—A sua assinatura ficou liquidada até ao n.º 10. Agradecemos.

Ciborro.—Francisco Manuel de Ameira.—A sua assinatura ficou paga até ao n.º 23. Agradecemos.

Ceca-Moreira de Conegos (Viseu).—Manuel Cândido Machado.—Recebemos a sua carta e estamos de acordo com as suas considerações. Os jornais ficaram pagos até n.º 10.

Funchal.—José Maria de Jesus.—Já atendemos a sua carta anterior, suspendendo a remessa de jornais.

VIDA SINDICAL

Câmara Sindical do Trabalho.

Reuniu-se a Comissão Administrativa que reolveu vários assuntos pendentes e continuou no estudo de novas reclamações a formular.

Sindicato Metalúrgico de Lisboa

No passado dia 24 do corrente, reuniu-se, em assembleia geral, este sindicato, com a seguinte ordem dos trabalhos: Tratar do Bolsim de Trabalho e resolver sobre a crise que atravessa a classe; nomeação duma Comissão Organizadora do Conselho Técnico; Delegacias ao Tribunal dos Arbitros Avindores e à Universidade Popular Portuguesa; Aplicar uma circular do Ministério do Interior e assuntos de interesse para a classe.

Lida a acta, foi aprovada, com uma rectificação de Q. Moreira sobre uma sua atitude.

Q. Moreira, de C. A. explica as causas que fazem funcionar o Bolsim irregularmente, combatendo o espírito egoista que se desenvolve contra o mesmo.

F. Quirino, pede que um camarada demissionário da C. do Bolsim explique as suas razões.

Em seguida historiando o Bolsim, afirma que é devido ao facto de as requisições de pessoal se restringirem à construção naval, que o pessoal do «ganchos» se voltou contra o Bolsim por irem para lá trabalhar camaradas doutros ramos terrestres. Depois doutras considerações, F. Quirino torna a falar, insistindo para que no Bolsim estivessem desempregados que se alternariam quando empregados. Manifestam-se várias discordâncias pela sua impraticabilidade.

J. Esteves apresenta uma proposta para ser nomeada uma Comissão de Estudo do Bolsim, que terá que apresentar as suas remodelações, que ficou composta por J. Marques, F. Quirino e António Conrado.

Sobre o 2.º número da Ordem de Trabalhos, falaram Q. Moreira que apresentou, em nome da C. A., a ideia duma C. Executiva, e A. Pires, J. Sousa e A. Reis que se referiram a umas nomeações anteriormente feitas.

Foi nomeada a Comissão com: Rogério Tavares, serralheiro civil; A. Reis, serralheiro mecânico; Emílio Santana, carpinteiro de moldes; Angelo Rocha, fundidor de metais; Manuel Pratas, serralheiro de automóveis e Manuel Valentim, electricista.

Sobre o 3.º número foram nomeados para delegados ao Tribunal dos Arbitros e à Universidade Popular Portuguesa, Raúl Pamplona e António Vicente, respectivamente.

Finalmente é lido o ofício do M. Interior, sobre a nomeação de dois delegados do Sindicato para elaboração do «Estatuto Operário» e um ofício da Federação dos Transportes, sobre o assunto, mas como chegasse à meia noite, foi encerrada a sessão, prosseguindo em dia a marcar pela C. A.

Reúne na próxima terça-feira 9 do corrente, pelas 20,30 horas, para prosseguimento da ordem dos trabalhos da assembleia suspensa em 24 do mês transacto.

Sindicato Único dos Operários da Construção Civil de Lisboa.

Secção dos Serventes.—A Secção Profissional dos Serventes, classe que outrora marcou dentro do Sindicato da Construção Civil uma das vanguardas em associados, encontra-se actualmente reduzida a pouco mais duma centena de sócios.

Esses poucos demitem-se dia, a dia não sabemos porquê, se por ineficácia dos colaboradores se por pensarem que esta secção os iludiu sobre a melhoria de situação económica que numa sessão magna lhes fizemos ver que íamos tratar para a classe.

Camaradas, o nosso pedido formulado perante os mestres de obras está em andamento. Ainda na semana passada uma comissão representando todas as classes da Construção Civil se entrevistou com êles ficando resolvido que nos dariam a resposta para o mês que vem depois de darem a sua Assembleia Geral. Por isso, camaradas, não deixeis de ser sócios porque da nossa união dependem todas as conquistas.

Camaradas da Construção Civil: apelamos para a consciência de todos vós e em especial, dos serventes para que procurem associar o maior número de serventes possíveis.

Fala um ex-comunista

(Continuação da página central)

observou, interrogou, consultou, estudou nos próprios acontecimentos. E a fascinação do começo cedeu, pouco a pouco, ao desgosto, que expressa em termos reveladores da amargura profunda do homem a quem se mentiu e do sobressalto duma consciência ferozmente indignada».

* * *

As passagens do artigo de Fauro, elucidam bastante aqueles que duvidaram da sinceridade de Istrati, ao escrever sobre a Rússia. Mas não era preciso tanto para os que

tenham um pouco de inteligência descriminadora e saibam ver no que se afirma a parte onde o exagero impera e onde a verdade se sobreponde. Sobre a Rússia tem-se escrito muito. É natural a confusão que reina. E mais natural ainda, quando é certo que os exageros dos bolchevistas do Ocidente têm feito crer na existência dum paraíso na Rússia. Quando a verdade se afirma, quando alguém, mesmo sendo comunista—e há tantos—, proclama que isso é falso, que isso é enganar os trabalhadores, e diz a verdade sobre a U. R. S. S., todos duvidam. E duvidam porquê? Porque é doloroso para os trabalhadores desprenderem-se desse bocado de sonho a que se tinham agarreado: «uma pátria onde os operários mandavam». E a descrença veio e venceu, desanimando, lutadores de ontem.

Por isso, temos como nociva essa propaganda falsa e criminosa que se faz, porque pretende amarrar os trabalhadores à crença absoluta no poder do estado bolchevista, último esteio dum velho mundo.

JAPÃO

Nova organização

Informam-nos dali a Constituição em bases federativas da União Geral dos Operários de Tóquio (Kanto Chihō Jpan Rodosha Kumiai) que vai publicar um mensário e edifar folhetos sobre o anarquismo.

A nova organização repudia, além do centralismo, a chamada política operária, adotando as tácticas da acção directa no terreno político e económico.

NA ÁUSTRIA

Algo do que ali se passa

Os socialistas cristãos chamaram ao poder dois chefes da Heimwehr, —organização fascista—tendo-lhes dado a pasta do interior e da justiça.

O ministro do interior, príncipe Starhemberg, já declarou que se conservará no poder, quer tenha ou não a aprovação do corpo eleitoral, e tem entregue os mais altos postos a pessoas da sua confiança.

Os funcionários da perfeição da polícia foram substituídos por elementos retintamente reaccionários, tendo sido também suspensa ilegalmente a comissão parlamentar do exército.



SINDICATO dos Chauffeurs Profissionais do Sul de Portugal

Assembleia Geral CONVOCAÇÃO

Em conformidade com o N.º 1.º do Art.º 24.º e em cumprimento do Art.º 71.º dos novos Estatutos, são convocados os sócios a reunir em Assembleia Geral ordinária no dia 16 do corrente, pelas 20 horas e 30 minutos com a seguinte:

Ordem de Trabalhos

- 1.º—Apresentação, discussão e votação do Relatório moral da Comissão administrativa;
- 2.º—Eleição da Mesa da Assembleia Geral, da Direcção, da Comissão Revisora de Contas, da Junta Consultiva e Técnica e de uma Comissão de Melhoramentos;
- 3.º—Nomeação de uma Comissão de Solidariedade;
- 4.º—Apreciação e resolução sobre o procedimento de um sócio incursa na alínea c) do Art.º 18.º;
- 5.º—Apresentação, discussão e votação dos Regulamentos do Conselho de Delegados e das Delegações provinciais.

No caso de não comparecerem 21 sócios como determina o Art.º 22.º dos Estatutos para a Assembleia poder funcionar legalmente, ficará a sessão adiada para o dia 20 do corrente, conforme preceita o § único do mesmo Artigo, em que funcionará a deliberar com qualquer número de sócios presentes.

Lisboa, 1 de Dezembro de 1930.
Pela Comissão Administrativa

O Presidente interino
Walter d'Almeida Pinto
(Vice-Presidente)

Aos nossos assinantes no Estrangeiro e Colónias

Dadas as dificuldades de efectuar a cobrança, directamente, aos nossos estimáveis assinantes no «Estrangeiro e Colónias» apelamos para que aqueles amigos nos enviem a importância de suas assinaturas, cujo preço noutra local publicamos.

Esperamos que todos os amigos de «A Batalha» residentes no Estrangeiro e Colónias se apressem a liquidar os seus débitos.

A ADMINISTRAÇÃO

“Solidariedad Obrera”

O diário da C. N. T. de Espanha, *Solidariedad Obrera*, reiniou a sua publicação, depois dum suspensão de pouco mais de um mês.

Recomendamos a sua leitura, podendo os camaradas de Lisboa, adquiri-la na tabacaria do Café Itália.